

21 MAI 1996

CORREIO BRAZILIENSE

Inferno zodiacal

O presidente Fernando Henrique teme o caráter plebiscitário da eleição municipal deste ano. O nível de contestação a seu governo, no interior e nas capitais, cresce de modo inapelável.

O presidente, que já se imaginou um cabo eleitoral incomparável, avalia hoje resultado de pesquisas que o mostram sob intenso desgaste político. Não se trata de ignorar o que de bom o Plano Real trouxe para a vida das pessoas. Não há quem tenha saudades dos tempos da inflação, na base do "eu era feliz e não sabia".

A estabilidade da moeda, ainda que a um custo social elevado, é conquista importante, que no futuro estará creditada na conta corrente do atual governo. A longo prazo, porém, todos estaremos mortos. A curto prazo, o preço da estabilização está começando a ser questionado. E a imagem presidencial começa a sofrer seus primeiros arranhões.

As mudanças havidas no país o colocam diante de dilemas e perplexidades novos. A questão

do emprego, por exemplo, enfrenta não apenas o aspecto do arrocho monetário, que gera insolvências e inibe investimentos internos e externos — e é ditado pelas políticas do governo —, como também os desafios da globalização de mercados, que independem das iniciativas governamentais.

Com as reformas que concebeu e os rumos para onde empurra o país, Fernando Henrique, na percepção popular, está entre dois personagens antípodas: ou será um novo Moisés, que conduziu o povo judeu para a terra prometida, ou o videotape de Jim Jones, o fanático religioso que conduziu seus adeptos ao Além.

Sabe-se que o país está mudando, que a mudança é irreversível e radical. Só não se sabe mais se o que está sendo feito funcionará. Até há pouco, havia certeza de que sim. Não há mais. É cedo para dizer que a população já tem a percepção da catástrofe. Não tem, mas a confiança começa a escassear.

O governo comprometeu-se com iniciativas que não realizou, sobretudo na área social. Cedeu onde prometera não ceder: fisiologismo parlamentar, pressão dos bancos, arrocho monetário. E não investiu onde prometera: área social.

Um sinal concreto da queda de confiança do governo em si mesmo é o recuo de alguns de seus ministros — José Serra, do Planejamento, e Sérgio Motta, das Comunicações — no propósito de candidatar-se em outubro. No início do ano, Fernando Henrique estava tão confiante na varinha de condão chamada Plano Real que estimulava a presença de seus ministros nos palanques.

Hoje, para sorte dele, o STF proibiu essa presença. Pouçou assim o governo de expor-se a vaias ou, pior ainda, ter suas principais figuras rejeitadas por correligionários receosos de pagarem o pato da impopularidade inesperada. Nada é definitivo, mas o governo vive seu inferno zodiacal.